

# O LAZER NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS: PRÁTICA RENOVADA DE SOCIABILIDADE.

**Maria da Guia de Oliveira**

**Mestre em Sociologia pelo PPGS/UFPB/UFCG.**

**Endereço: QR 302, CJ G, CS 15. Santa Maria – Distrito Federal**

**CEP: 72502-507. E-mail: [guiaoliva@bol.com.br](mailto:guiaoliva@bol.com.br)**

**Benedita Edina da S. L. Cabral**

**Orientadora. DSA/UFCG.**

**Rua: Artur Monteiro Viana, 26, B. Conjunto dos Professores, Campina**

**Grande, Paraíba. CEP: 58109-140. Tel.: (83) 333-2740. E-mail:**

**[jbscabral@uol.com.br](mailto:jbscabral@uol.com.br)**

**Resumo:** Este trabalho tem objetiva compreender as experiências de sociabilidade durante as atividades de lazer nos grupos de convivência para idosos das camadas populares de Campina Grande-PB. Desde os anos 60 o envelhecimento no Brasil passou a ter significativa importância nas discussões acadêmicas e nas políticas públicas. As explicações para esse acontecimento são variadas. Por um lado, os autores entendem – em especial os demógrafos – que isso ocorreu como resultado do aumento quantitativo da população acima de 60 anos. Por outro lado, os cientistas sociais consideram a valorização do envelhecimento reflexo das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade atual, principalmente nas formas de periodização da vida, que tornam mais flexível a padronização do curso da vida estabelecido pelo Estado (Debert, 1999; Cabral 2002).

**Palavras-chave:** Grupos de convivência, lazer e sociabilidade.

**Área do Conhecimento:** VII – Ciências Humanas

## **Introdução**

Esse estudo aborda a questão do lazer nos grupos de convivência das camadas populares entendendo-os como espaço e momento para sociabilidade do segmento populacional com mais de 60 anos. Particularmente estão sendo observados idosos das camadas populares, que não possuem outros meios ou recursos para desenvolverem outras atividades de lazer fora do âmbito familiar, exceto nos grupos.

Como analisado por Cabral (1997: 16), os grupos “são lugares onde os idosos tecem relações de proximidade e aconchego caloroso”. A participação dos idosos nos grupos contribui para construção de laços de amizade entre os participantes.

Como visto, essa prática de sociabilidade no grupo de convivência é fonte de prazer. Para analisar a questão do lazer como estratégia de sociabilidade essa pesquisa reporta-se a obra de Georg Simmel

(1993)<sup>1</sup> com sua importante contribuição teórica, que busca explicar os fatos sociais e históricos através dos fatores psico-sociais. Para esse autor, os fenômenos sociais supõem trocas entre os indivíduos, que compartilham ou disputam entre si sentimentos de ódio, de amor e de inveja. Esses elementos psíquicos existem em todas as relações humanas.

A sociologia, segundo Simmel (1993), para possuir um sentido definido, deve buscar seus problemas não na matéria da vida social, mas em sua forma. É a forma que dá o caráter social dos fatos de que se ocupam as ciências particulares (Simmel *apud* Moscovici, 1990). Assim, caberia à sociologia o estudo das formas de vida social. Seria do seu domínio as formas que tornam os grupos de homens unidos para viverem uns ao lado, para, ou com os outros. Simmel (1993) propõe investigar as formas específicas pelas quais as sociedades como tais, se conservam. “A sociedade é possível de ser pensada apenas como um

<sup>1</sup> É um dos mais importantes sociólogos alemães. Estudou filosofia e história na Universidade de Berlim (Moscovici, 1990).

conceito-limite, como resultado das formas de sociação<sup>2</sup>, ou da rede de relações sociais recíprocas” (cf. Souza & Ölze, 1998: 17).

Para Simmel (1993) a sociedade, ou seja, a sociação é o estar com o outro, para o outro e algumas vezes contra o outro. Essas formas de relações também são constitutivas da sociabilidade que é a reunião social entre os indivíduos.

Simmel (1993) define sociabilidade como uma forma autônoma ou lúdica de sociação, cujas manifestações não têm propósitos objetivos. Assim, sociabilidade é um trabalho social de arte onde o indivíduo só deve mostrar em suas ações o que a realidade lhe permite. Sem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Sua principal característica é o êxito do momento. Desse modo, as condições e os resultados desse processo são exclusivamente determinados pelas pessoas que se encontram numa dada reunião social, cujo caráter é determinado por qualidades pessoais, tais como: amabilidade, refinamento e cordialidade (Simmel, 1993: 168).

Para este autor, a sociabilidade é um espaço sociológico ideal onde o prazer de um indivíduo está ligado ao prazer dos outros. O mundo da sociabilidade é artificial, por ser um jogo no qual se “faz de conta que são todos iguais” e, ao mesmo tempo, “se faz de conta que cada um é reverenciado em particular”. O faz de conta não está contido na dimensão da mentira, devendo ser entendido como ação sociável, como mero instrumento das interações e dos eventos da realidade prática.

Como mostrado em outros estudos, os grupos de convivência são considerados pelos idosos os espaços da diversão, de laços de amizade e para esquecer os seus problemas (Cabral, 1997). Os idosos participantes dos grupos encontram lazer fora do âmbito familiar e doméstico. A tomada de posição frente a essa opção<sup>3</sup> (participar de grupos) surge em momentos significativos para os idosos, como por exemplo: a morte do marido ou esposa, a aposentadoria, a doença, os problemas

familiares, ocasiões de mudança de vida em que sua própria vida deve ser repensada e redefinida. E essa opção de mudança no comportamento<sup>4</sup> vem no momento em que se confrontam com a própria velhice. Essa atitude não é algo imediato. O perceber-se velho não acontece num instante, é fruto de um desenrolar de eventos. Alguns desses eventos têm mais significado do que outros: uns porque representam uma mudança de participação social (aposentadoria, viuvez), e mudança familiar, outros porque constituem uma ameaça à vida e representam, de fato, uma mudança radical da vida para a morte (a doença) (Barros, 1998).

Barros (*op. cit.*), ao fazer um estudo antropológico de mulheres na velhice, afirma que as situações históricas e contextuais brasileiras influenciam nas opções de estilos de vida de cada pessoa. Para ela,

A noção da importância da própria biografia para a elaboração das decisões e opções atuais permite a elaboração da escolha da forma de viver e os casos (por ela estudados) exemplificam como, para as mulheres (e para os idosos aqui pesquisados) existe um acontecimento de sua trajetória de vida que fundamenta o próprio momento de formação de escolha de vida (Barros, 1998: 157).

Os participantes buscam os grupos para desfrutarem do lazer oferecido porque a forma de vida deles não está fora da realidade subjetiva; a biografia de cada um, a forma de receber e reinterpretar a cultura de sua sociedade está no fundamento de suas escolhas. A possibilidade de reinterpretação e de manipulação do que é dado pela situação sócio-cultural localiza o indivíduo como elemento ativo e não apenas passivo da realidade. Como todos os indivíduos os idosos não estão totalmente livres nas suas escolhas; suas famílias, seus estilos de vida e a própria sociedade os influenciam sempre.

<sup>2</sup> Simmel substitui o conceito de sociedade pelo de sociação. Para este autor, a sociedade é constituída pelos interesses, pulsões, tendências, desejos, que são os conteúdos das formas sociais. Já a sociação é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esse fenômeno transforma os conteúdos em formas sociais que são as interações sociais concretas (Souza & Ölze, *op. cit.*).

<sup>3</sup> No caso dos idosos pesquisados é a opção do lazer nos grupos.

<sup>4</sup> Os idosos deixam de ter uma vida totalmente doméstica para circular em espaços de lazer.

### **Como o lazer pode “nuançar o envelhecimento” dos participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata”**

As primeiras experiências de grupos de convivência para idosos de que se têm notícias aconteceram em países do Continente Europeu, expandindo-se rapidamente para outros países. Essa foi, possivelmente, a primeira concepção mais aberta do atendimento à população longeva, oferecendo oportunidades de retorno à participação comunitária (Cabral, 1997: 159).

Entre as instituições brasileiras que atuam nessa área, o SESC, em São Paulo, foi pioneiro na implantação de grupos, os quais se expandiram rapidamente nos anos seguintes (anos 70, 80, 90). Para Salgado (1982: 60), a expansão dos Clubes ou Centros de Convivência para Idosos representa um estímulo à vida social, e pode significar também o ponto de partida para outras conquistas. Seus resultados poderão ser benéficos aos participantes e à comunidade em geral, na medida em que os idosos venham atuar em programas mais amplos voltados para setores necessitados das comunidades. Ainda segundo esse autor, a ação dos clubes de idosos deve levar em consideração dois pontos básicos: estímulo à participação sócio-cultural na comunidade e estruturação de pequenos serviços de auxílio e assistência.

Atualmente várias instituições interessadas no tema “lazer na terceira idade” desenvolvem atividades voltadas para idosos, geralmente organizadas em três tipos de projetos: grupos de convivência, que objetivam expandir a sociabilidade; escolas abertas para a “terceira idade”, que propõem educação permanente, adequada à “terceira fase da vida”, contribuindo efetivamente para a descoberta de novos interesses, novas habilidades e propiciando, inclusive, a reformulação de planos de vida, nos quais os idosos se situam como pessoas participantes e capazes de contribuir para a solução de alguns problemas, quer do seu grupo familiar, quer das comunidades de que fazem parte; e trabalhos com pré-aposentados, envolvendo a circulação de um conjunto de informações que preparam os trabalhadores para as condições de vida que a aposentadoria traz, principalmente sobre as questões de saúde

física e mental, mudanças de papéis, questões psicológicas, relacionamentos sociais (Néri 1998; Debert, 1998). Em todos os projetos, observa-se o papel destacado que ocupa a cultura do lazer.

A sociedade capitalista está sustentada na importância do trabalho para produção de bens, para fins mercadológicos. As relações sociais construídas sob a presença determinante de trabalho tornam as atividades de lazer insatisfatórias para aqueles que foram excluídos dos meios de produção.

Dumazedier (1976: 107) acredita que através das atividades de lazer o indivíduo pode mudar seu modo de vida, pois “o lazer tem o papel mediador entre a cultura de uma sociedade ou de um grupo e as reações de um indivíduo às situações da vida cotidiana”, contribuindo para a não marginalização social das pessoas (Dumazedier, 1976: 264). Esse autor observa ainda que as escolhas das atividades de lazer dependem do estilo de vida de cada um. Dependendo das situações cotidianas enfrentadas, os indivíduos podem escolher atividades de lazer que lhes tragam um equilíbrio e lhes proporcionem recuperação da força física e mental, recreação e desenvolvimento pessoal e social. Assim, a pessoa escolhe as atividades de lazer de acordo com suas necessidades e responsabilidades e principalmente suas reais possibilidades.

Essa escolha levará o indivíduo a estabelecer uma hierarquia nas suas atividades físicas, intelectuais e sociais e em todas as oportunidades (que) fortaleçam a autonomia e a estrutura de sua personalidade, procurando ao mesmo tempo alcançar uma melhoria na sua participação consciente e voluntária na vida da sociedade (Dumazedier, 1976).

É possível pensar a ambigüidade do fenômeno lazer. Por um lado, a teoria afirma que o lazer é o melhor caminho da sociabilidade para as pessoas, principalmente das que saíram do processo de produção. Por outro lado, a experiência empírica confirma que a sociedade capitalista valoriza o homem por suas atividades profissionais e pelo seu trabalho. Entretanto, espera-se que as pessoas da “terceira idade” ao desenvolverem atividades de lazer possam ter além de desenvolvimento pessoal, maior convívio social.

O lazer realizado nos GCI é a atividade que os idosos escolheram para praticarem fora de casa. A sociedade não está estruturada para a população envelhecida e os grupos são criados para amparar esse segmento populacional. No entanto, eles não resolvem todos os problemas do idoso, tais como, o preconceito que a própria sociedade têm com relação a eles, principalmente a família (Cabral, 2002; Motta, 1998). A inserção nos grupos não é processo fácil para os idosos, às vezes é a própria família que tenta tolher sua liberdade de circulação, como apontado em outras pesquisas (Cabral, 1997). De acordo com seus familiares, eles não precisam fazer nada, e nem precisam de lazer, já tiveram o “tempo” deles.

Alguns teóricos sobre a velhice a consideram como a última etapa da vida, fase em que as pessoas diminuem o convívio social. Entretanto, muitos idosos procuram dar sentido às suas vidas com as atividades de lazer: “(...) ficar em casa pensando besteira não dá” (Senhora de 76 anos participante dos grupos Fios de Prata e Cabelos Brancos).

Nos grupos pesquisados observam-se as expressões de prazer dos idosos ao participarem da dança e também como se referem às amizades uns com os outros. As festas comemorativas aparecem como as preferidas de todos, pela oportunidade de conhecerem pessoas diferentes e de manterem relações de proximidade com maior número de pessoas. Nas festas aumenta a oportunidade de circulação social. Destaca-se que, durante as festas, o número de participantes é superior aos encontros semanais rotineiros.

Nas festas de final do ano o número de idosos aumenta revelando mais ainda como estão em busca de diversão e lazer. Nessa época há também um número maior de passeios turísticos, outra atividade bastante valorizada pelos idosos dos grupos e não importa o lugar que irão conhecer, o importante é sair da rotina e se divertir (Souto, 1997).

Para os idosos pesquisados, os grupos de convivência são os lugares que os fazem saírem do espaço doméstico para a diversão, com exceção às saídas decorrentes das necessidades do cotidiano, fazer compras, ir ao médico, à igreja, e receber a aposentadoria ou pensão da seguridade social. Quando os grupos entram em recesso no mês de janeiro, eles ficam contando os dias para retornar às

atividades. Segundo os entrevistados, somente os grupos os fazem sair de casa para se divertir e por isso não deveriam entrar em recesso, “deveriam ficar abertos de janeiro a janeiro”:

Os grupos não pode fechar, o problema do idoso é continuado (...). Não pode fechar, mas a SEMAS vai e fecha, como agora fechou em dezembro para abrir em fevereiro<sup>5</sup>. E a gente está aonde? E agora está fazendo o quê? Esse idoso que frequenta lá, agora está fazendo o quê? Jogado! (Senhor de 72 anos participante do grupo Fios de Prata).

Os idosos que optaram pelo lazer nos grupos não têm outro meio de diversão, não tem outro motivo para sair de casa. Os grupos de convivência são oportunidades de encontro com outras pessoas e manutenção do contato com o mundo que fica além dos limites da própria casa. Estes grupos proporcionam aos idosos maior participação social, pois na medida que eles saem de casa em busca de lazer nos grupos eles estão se tornando pessoas ativas e relacionais. Eles também contribuem para uma relação mais próxima de gênero e intergeracional, nos grupos observados encontra-se pessoas de outras faixas de idade são as netas e filhas das idosas que as acompanham quando podem aos grupos (Peixoto, 1998; Motta, 1998; Cabral, 1997).

Da Matta (2001) mostra que na sociedade brasileira, as noções de pessoa e indivíduo coexistem. Na primeira noção, a pessoa está cheia de sentimentos, emoções, liberdade, espaço interno, capaz, portanto de pretender a liberdade e a igualdade, sendo a solidão e o amor dois de seus traços básicos, e o poder de optar e escolher um de seus direitos fundamentais. A noção de indivíduo, por outro lado, não desenvolve a ideologia de igualdade de todos, mas a da complementariedade de cada um para formar uma totalidade que só pode ser constituída quando se tem todas as partes.

Segundo Da Matta (*op. cit.*), a família tem sido vista como o espaço reservado por excelência para as relações de pessoa a pessoa. Os estudos sobre velhice, os enfoques básicos caracterizam essa fase da vida por

<sup>5</sup> No ano de 2004 houve uma exceção, os grupos voltaram a desenvolver suas atividades no mês de janeiro. A curadoria dos direitos do cidadão recebeu uma denúncia e obrigou os grupos a voltarem as atividades antes de fevereiro.

uma perda de relações sociais, por uma diminuição das áreas de contato social e por um processo de reclusão na família; ou seja, a perda das áreas sociais através da aposentadoria ou da viuvez passa a conferir à família uma importância fundamental nas relações sociais dos idosos. Esse aumento da importância da família não se restringe apenas a um convívio maior dos idosos no grupo familiar, está ligado também a outras opções para a velhice, quer sejam elas concretizadas em asilos, em grupos ou em condomínios de velhos. Essas opções são, na verdade, uma forma de não-família, porque se apresentam como uma impossibilidade ou um insucesso em circunscrever a velhice na família (Debert, 1999).

Participar das atividades de lazer é uma oportunidade para construir e estreitar laços de relações solidárias e afetivas extra-familiares. Como a última etapa da vida, a velhice instiga os idosos a participarem dos grupos para divertirem-se, como afirma a participante do grupo do CMCI, de 77 anos: “temos que aproveitar o restinho da vida que nós temos”.

Assim como analisado por outros estudiosos do envelhecimento, percebe-se que nos grupos pesquisados também há a inversão dos signos do envelhecimento. Os participantes dos grupos “Cabelos Brancos” e “Fios de Prata” passam a assumir novas designações: “nova juventude”, “idade do lazer”, e a aposentadoria torna-se momento propício às atividades de lazer. Os idosos participantes dos grupos não se identificam como velhos e sim como idosos e principalmente como pessoas da “terceira idade”. Desse modo, os discursos dos entrevistados clamam por auto-afirmação constantemente:

Eu não sou velha, velho para mim é o que não presta, o que não tem mais utilidade. Como exemplo, um móvel velho, quando está velho jogamos fora. Eu sou uma pessoa ativa e ainda sou muito útil, sou eu quem faço minhas coisinhas dentro de casa, e ainda cuido de dois netos. E quando chega a hora de vim para o grupo eu venho me divertir, eu sou uma pessoa da “terceira idade” (Senhora de 67 anos participante do grupo Fios de Prata).

Eu não gosto de ser chamado de velho, pra mim é mesmo que dizer morte. Eu ainda estou vivinho, ainda danço e se brincar e der mole eu ainda dou umas paqueradas, eu sou uma pessoa idosa, ou

da “terceira idade”, velho não (Senhor de 73 anos participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Assim, percebe-se que nos GCI os novos signos da velhice são assumidos cotidianamente. Durante as visitas, não foi possível usar os termos “idoso” e tão pouco “velho”. O termo preferido, inclusive pelas estagiárias que coordenam os grupos, é “terceira idade”. As respostas obtidas nas entrevistas apontam a negação do termo velho e a aceitação da “terceira idade”:

Minha filha, eu sou uma pessoa nova de espírito, eu faço tudo. Aqui não tem ninguém idoso, somos todos da “terceira idade”(Senhora de 78 anos participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

(...) eu não sou velha, eu ainda sou muito jovem, saio todo dia para fazer ginástica e ainda nos finais de semana, vou dançar forró com meu filho. Quando ele não pode ir, eu até choro (Senhora de 68 anos participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Olhe minha filha, eu ainda *tô novinho*, já arranjei até uma namorada, já vai fazer 3 meses, nós dois estamos na 'terceira idade', e não gostamos quando chamam a gente de velho. “Velho” para mim, é aquele que não sai de casa, não faz nada, fica o dia inteiro assistindo televisão e reclamando da vida, só falando em doença (Senhor de 72 anos participante dos grupos Fios de Prata).

Eu mesma não sou velha e nunca vou ser, minha filha, velho é lixo. Quando uma coisa é velha a gente joga no lixo porque não presta mais (Senhora de 58 anos participante dos grupos Cabelos Brancos e Fios de Prata).

Como se observa, o processo de perdas e de inutilidade na velhice parece ter sido substituído na sociedade moderna. A velhice torna-se o estágio da vida que possibilita aos indivíduos (idosos) novas conquistas, principalmente a satisfação pessoal e a sociabilidade guiada pela prática do lazer. Durante trabalho de campo, constatamos que, para os idosos observados, a denominação “velho” expressa estereótipos depreciativos, os quais eles não podem aceitar. Os participantes dos grupos enfatizam o “espírito jovem” e cuidado estético. De acordo com seus diálogos, eles devem aproveitar o tempo para se divertir, passear, viajar. Todos se consideram ainda jovens para serem velhos,

mesmo tendo aparência física diferente dos jovens, seus “espíritos ainda são joviais” afirmam. Aparecem como pessoas alegres e dinâmicas que fazem atividades sociais, culturais e físicas; reconhecendo-se somente como pessoas idosas ou da “terceira idade”.

### Considerações finais

As atividades de lazer, principalmente a dança de forró, são consideradas pelos próprios idosos como terapia, momentos de felicidade, diversão, descontração. O lazer proporciona aos idosos das camadas populares experiências de sociabilidade para além do âmbito doméstico, proporcionando também alegria de viver, fazendo-lhes sentir mais ativos e dinâmicos.

Percebi que as atividades de lazer nos grupos de convivência das camadas populares de Campina Grande estabelece um convívio mais próximo entre pessoas relativamente da mesma idade e com os mesmos problemas. O lazer é considerado dispositivo de sociabilidade para além do âmbito familiar.

Os idosos nos grupos compartilham suas histórias, suas necessidades e suas experiências do envelhecimento e, principalmente, as de lazer. Assim, ao analisar o lazer nos grupos de convivência encontrei a maneira de ser e de viver de alguns idosos. Eles se reconhecem como pessoas ativas, dinâmicas e alegres. O lazer pode “nuançar” o envelhecimento que se torna uma fase da vida mais alegre e divertida.

### Referências

BARROS, Myrian Moraes Lins de. (Org.). “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BECKERS, Theodorus. “O capital humano em lazer”. In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo, SP: SESC/WLRA, 2000.

BRUHNS, Heloisa Turini (Org.) “Lazer e motricidade: dialogando com o conhecimento”. In: **Temas sobre lazer**. Campinas, SP:

Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esportes).

CABRAL, Benedita Edina da S. Lima. **Recriar laços: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas**. Tese de doutorado. Campinas, SP: Unicamp [s.n.], 2002.

\_\_\_\_\_. “O idoso e a família”. In: **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2002.

\_\_\_\_\_. “Solidariedade intergeracional: uma experiência dos grupos de convivência de idosos”. In: **Especiaria- Revista da UESC/ Universidade Estadual de Santa Cruz**, ano 4, n. 7 (jan/jun, 2001) Ilhéus, BA: Editus, 2001.

\_\_\_\_\_. “Alegria de talentos: a festa de comemoração das(os) idosas(os)”. In: **Olhares e diversidades: os estudos de gênero no Norte e Nordeste**. Álvares, M. L. M. & Santos, E. F. Dos. (Orgs). GEPEM/IFCH: Universidade Federal do Pará – REDOR – NINE – Belém, 1999.

\_\_\_\_\_. “Família e idosos no nordeste e brasileiro”. In: **Dossiê: Gênero e família**. Salvador, BA: UFBA. Cad. CRH, n. 29, 1998.

\_\_\_\_\_. “Idosos e família no Nordeste brasileiro” In: **Dossiê Gênero e Família**. Motta, Alda (Org.). Salvador, BA: UFBA. Caderno do Centro de Recursos Humanos-CRH, n. 29, 1998.

\_\_\_\_\_. “A vida começa todo dia”. In: **Revista de estudos feministas**. Rio de Janeiro, RJ. 1997.

\_\_\_\_\_. **De trabalhadores e aposentados do prorural: as contradições da política social e concessão tardia de direitos**. Dissertação de mestrado em sociologia. Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, PB, 1986.

CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer?** São Paulo, SP: Brasiliense, 1992 (Coleção Primeiros Passos).

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-Fapesp, 1999.

\_\_\_\_\_. “A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade”. In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998a.

\_\_\_\_\_. (Org.). “Pressuposto da reflexão antropológica sobre a velhice”. In:

**Textos didáticos: antropologia e velhice.** Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, janeiro de 1998b.

\_\_\_\_\_. “Envelhecimento ou representação sobre velhice”. In: **Anais do VI encontro nacional de estudos populares.** Rio de Janeiro, RJ: IFCS, 1988c.

\_\_\_\_\_. (Org.) & SIMÕES, J. A. “A aposentadoria e a invenção da ‘terceira idade’”. In: **Textos didáticos: antropologia e velhice.** Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, n. 13, janeiro de 1998d.

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento e curso da vida.** Rio de Janeiro, RJ: IFCS, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre.** São Paulo, SP: Studio Nobel: SESC, 1994.

\_\_\_\_\_. **Lazer e cultura popular.** São Paulo, SP: Perspectiva, 1976

\_\_\_\_\_. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo, SP: Perspectiva, 1973.

IWANOWICZ, J. Barbara. “O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial”. In: **Temas sobre lazer.** Bruhns, H. T. (Org.). Campinas, SP: Autores Associados, 2000. (Coleção educação física e esportes).

MALDONADO, Simone Carneiro. “George Simmel: uma apresentação”. In: **Revista política e trabalho.** João Pessoa, n. 12 setembro de 1996.

MOSCOVICI, G. **A máquina de fazer deuses: sociologia e psicologia.** Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1990.

MOTTA, Alda Brito. “Envelhecimento e sentimento do corpo”. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Minayo, Maria Cecília de Souza & Coimbra Jr., Carlos E. A. (Orgs). Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2002.

\_\_\_\_\_. “Chegando pra idade”. In: **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** Barros, Myrian Moraes Lins. (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998a.

NERI, A. L. “Gênero, família e fases do ciclo da vida”. In: **Dossiê: Gênero e família.** Salvador, BA: UFBA. Cad. CRH, n. 29, 1998.

\_\_\_\_\_. & DEBERT, G. G. “O uso da televisão como fonte de informação sobre a velhice”. In: **Velhice e sociedade.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice**

**segundo brasileiros não idosos.** Campinas, SP: Unicamp, 1991.

SALGADO, Marcelo Antônio. **Velhice, uma nova questão social.** São Paulo, SP: SESC – CETI, 1982.

SIMMEL, Georg. “Sociologia”. In: **Simmel.** Moraes Filho, Evaristo de (Org.). São Paulo: Ática, 1993 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

\_\_\_\_\_. **La tragedia de la culture.** Rivages Poche: Paris, 1988.

\_\_\_\_\_. “A metrópole e a vida mental”. In: **O fenômeno urbano.** Velho, Gilberto (Org.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_. “A sociologia do segredo e das sociedades secretas”. In: **The American journal of sociology.** Vol. IX, n. 04, 1906.

SOUZ SOUTO, Enedina Maria. **Cabelos de neve na Serra: estudo antropológico dos Grupos de Convivência em Campina Grande – PB.** Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba: UFPB, João Pessoa, 1997.

A & ÖLZE, B. **Simmel e a modernidade.** Brasília: UNB, 1998